

ANTES DA COLONIZAÇÃO JÁ HAVIA CIVILIZAÇÃO: AS ESTEARIAS E OS POVOS AQUÁTICOS DA BAIXADA MARANHENSE

Before Colonization there was already Civilization: The Estearias and The Aquatic Peoples of the Baixada Maranhense

Alexandre Guida Navarro¹

Professor Associado III da UFMA, Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8223-2144>
E-mail: altardesacrificios@yahoo.com.br

João Costa Gouveia Neto²

Professor Adjunto I de Música Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7202-7198>
Email: rairicneto@yahoo.com.br

Karen Cristina Da Costa Conceição³

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Univ. Fed. do Maranhão
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7808-0487>
E-mail: karencristinacosta@outlook.com

Recebido em: 03/11/2023

Aprovado em: 01/03/2024

Resumo: Os livros didáticos do Ensino Básico do Brasil dão pouca atenção à pré-história do continente americano e do próprio Brasil. Enfatizam o modelo de civilização do Antigo Mundo e pouco promovem a reflexão para estes mesmos parâmetros no continente americano. Poucas são as exceções, como é o caso da civilização maia. Por outro lado, ao se conferir o epíteto de civilização a estes povos ameríndios, se esquece de refletir que são povos indígenas, originários da América. Neste capítulo abordamos estas questões e chamamos a atenção para a existência de uma complexa civilização que se desenvolveu na Baixada Maranhense entre o início da era cristã até o ano 1000 d.C.

Palavras-chave: Ensino – Educação – Escola – Maranhão – Estearias

Abstract: Brazilian Basic Education textbooks pay little attention to the prehistory of the American continent and Brazil itself. They emphasize the civilization model of the Old World and do little to promote reflection on these same parameters on the American continent. There are few exceptions, such as the Mayan civilization. On the other hand, when giving the epithet of civilization to these Amerindian peoples, they forget to reflect that they are indigenous peoples, originating from America. In this chapter we address these issues and draw attention to the existence of a complex civilization that developed in Baixada Maranhense between the beginning of the Christian era and the year 1000 AD.

Keywords: Teaching – Education – School – Maranhão – Estearias

Na nova America...os legados do indígena constituem um acervo precioso que, sobretudo como elemento de adaptação ao ambiente e como patrimônio artístico do povo, devemos zelar carinhosamente e inteligentemente aproveitar (Raimundo Lopes, 1924: 109)

Introdução: a América foi descoberta pelos europeus?

Sabemos que a Pré-História do continente americano ainda ocupa pouco espaço dentro dos livros didáticos brasileiros. Desde o Alasca até a Terra do Fogo, a América estava povoada por uma grande quantidade de civilizações antes da invasão dos colonizadores. Esses povos são os índios. Receberam esse nome pelo fato de que Colombo acreditava ter chegado às Índias, terra esta desejada pelos espanhóis por causa do comércio das especiarias, produtos caros que geravam grande movimentação econômica na Europa do século XVI. Desse modo, o termo índio consagrou-se na literatura e passou a definir todas as culturas que viviam na América e, por outro lado, escondeu a grande diversidade étnica que existia no continente (CARNEIRO DA CUNHA, 1992; NAVARRO e FUNARI, 2009; NAVARRO, 2008).

Deste modo, a história do continente americano não começa com a chegada dos europeus, ou seja, antes de sua invasão, já existiam milhares de povos que viviam nas Américas, inclusive alguns deles desapareceram antes da chegada destes invasores. Isto mostra que a história do continente americano antes da Conquista já era milenária e tinha suas características próprias. Isto já ficou bem demonstrado a partir da revisão e análise crítica da documentação escrita por conquistadores e religiosos a partir do século XVI (LEÓN-PORTILLA, 1984; TODOROV, 1987; CARNEIRO DA CUNHA, 1992; MONTEIRO, 1994; GRUZINSKI, 2001). No que tange à cultura material, a Arqueologia teve um papel fundamental na revisão das teorias autóctones sobre a chegada do homem ao continente americano, demonstrando que o passado indígena do Brasil, por exemplo, era mais antigo do que se supunha (ROOSEVELT, 1991; GUIDON, 1992; PROUS, 1992; FUNARI e NOELLI, 2002).

Essa diversidade não diz respeito somente às sociedades indígenas à época do contato. Hoje em dia sabemos que ela remonta aos primórdios da ocupação do continente americano, em pelo menos 12 mil anos, quando o homem teria chegado à América através do estreito de Behring. No entanto, as novas pesquisas têm mostrado

que a antiguidade pode ser maior. Não são poucos os arqueólogos que aceitam um recuo de pelo menos 40 mil anos para a ocupação do continente. Falamos também de migrações e levadas sucessivas, mostrando que o processo foi muito mais complexo do que imaginávamos. E para ferver ainda mais as discussões, muitos cientistas defendem a heterogeneidade dessa ocupação, ou seja, além da chegada dos mongoloides (asiáticos), outros grupos provenientes da Oceania e África poderiam ter ocupado a América antes dos grupos mongólicos. Há, portanto, várias formas de se pensar e refletir a ocupação pré-histórica da América (ROOSEVELT, 1992; FUNARI e NOELLI, 2002).

Na academia científica, são várias as terminologias empregadas para definir a totalidade das populações indígenas que viviam no continente americano antes da chegada dos europeus: América Pré-hispânica (referindo-se à chegada dos espanhóis), América Pré-Colonial (referindo-se ao processo de colonização) e o mais difundido, América Pré-Colombiana (em clara associação com a chegada de Colombo à América). Já que o continente foi habitado por uma extensa diversidade étnica, os grupos humanos passaram a ser definidos em áreas geográfico-culturais e foram agrupados de acordo com similaridades etnológicas e linguísticas (NAVARRO, 2007; NAVARRO e FUNARI, 2009; NAVARRO e GOUVEIA NETO, 2016).

Uma das mais conhecidas sociedades da América Pré-colombiana foi a civilização maia. Os maias construíram um legado cultural bastante complexo num cenário dominado pela floresta tropical. Construíram centenas de cidades densamente povoadas, com planificação espacial e arquitetônica, que chegaram a ter até 70 mil habitantes, maiores que muitas cidades brasileiras de hoje. Essas cidades possuíam um complexo sistema de captação hidráulica das águas da chuva para evitar as enchentes. Havia um avançado sistema de construção de estradas e ruas que ligavam os diferentes bairros e cidades entre si, evidenciando a coesão social que existia nas cidades. Construíram enormes edifícios palacianos e religiosos nos centros urbanos, que serviam de moradia para a elite e onde funcionava o aparelho burocrático e estatal do governo, que era laico, centralizado nas mãos de um único governante que tinha como função administrar todo esse complexo político-social. Centros urbanos como Tikal, Calakmul, Copán, Quiriguá, Yaxchilán, Caracol, Naranjo, Uxmal e Chichén Itzá, forjaram um

complexo sistema comercial e de tributos que englobaram praticamente todas as bacias hidrográficas da região, sobretudo a do Usumacinta. Cidades que abrigaram pessoas de diferentes classes sociais, como artesãos, comerciantes, sacerdotes e governantes ou reis. Estes reis construíram monumentos com seus nomes, descreveram seus matrimônios e suas vitórias nas guerras. Além disso, realizaram sacrifícios sangrentos em honra aos deuses, em que os próprios governantes tiveram seus órgãos genitais perfurados com uma espinha de peixe. Já os sacerdotes escreveram livros sobre os movimentos do Sol, de Vênus e até de Marte, utilizando um tipo de papel ou a pele de veado: os maias criaram uma escrita fonética, a única do continente americano antes da chegada dos europeus (NAVARRO, 2007, 2012).

Mas a arqueologia dos povos que habitaram o Maranhão não é menos interessante. No Maranhão do início da era cristã até o ano 1100 d.C. (ou seja, 1500 anos antes da chegada dos portugueses, franceses e holandeses), viviam sociedades complexas no que hoje é a Baixada Maranhense. Estes povos viviam em palafitas dentro de rios e lagos, e como estes troncos de árvores fincados no leito desses cursos d'água foram chamados de *esteios*, estes lugares ficaram conhecidos como *estearias* (LOPES, 1916; NAVARRO, 2018a, 2018b, 2016; NAVARRO et al. 2017; LACROIX, 2008). Estas civilizações são lacustres, ou seja, moravam no meio dos lagos.

E o que têm a dizer os livros didáticos?

Sabemos que povos pré-históricos como os que habitaram as estearias da Baixada Maranhense ainda não possuem espaços nos manuais didáticos brasileiros. A invisibilidade da antiguidade ameríndia nas terras altas e baixas da América do Sul colabora para a permanência de concepções estereotipadas acerca dos povos indígenas que ainda orientam as práticas pedagógicas e os currículos escolares. Ao olharmos para os livros didáticos lançados após a publicação da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “História e cultura afrobrasileira e indígena” percebemos que houveram alguns acréscimos, mas permanências (BRASIL, 2008).

Sobre essa questão é importante, mesmo que breve, observarmos como o livro didático de História do Ensino Médio dos autores Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos (2014), recomendado pelo Ministério da Educação e adotado por uma escola pública de São Luís, Maranhão, aborda a questão indígena somente em um dos livros da coleção. A coletânea é composta por três livros intitulados: *Da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes* (primeiro ano), *Capitalismo em marcha: liberalismos, nacionalismos e imperialismos* (segundo ano) e *Um mundo por um fio: guerras, revoluções e globalização* (terceiro ano).

Somente no manual didático do primeiro ano do Ensino Médio foram abordados conteúdos referentes à temática ameríndia. O capítulo inicial trouxe o povoamento do continente americano e nele foram apresentadas as famosas teorias de ocupação: a onda migratória pelo Estreito de Bering e a outra que apresenta a rota como da Ásia, da Austrália e dos arquipélagos do Pacífico, as ilhas polinésias e melanésias. Neste capítulo ainda são apresentadas algumas descobertas arqueológicas, entre elas o crânio de Luzia, em Lagoa Santa, atual estado de Minas Gerais, as evidências materiais dos grupos dos sambaquis no litoral brasileiro como pertencentes à fase do Neolítico e os registros rupestres no parque arqueológico em São Raimundo Nonato localizado na Serra da Capivara, no interior do Piauí.

Nos capítulos referentes ao processo de conquista e colonização portuguesa, espanhola e francesa na América acrescentou-se o estudo da sociedade dos povos tupis, visto que antes estudava-se somente as sociedades Incas, Maias e Astecas. Outro acréscimo se refere ao destaque mesmo que breve a cooperação de alguns grupos indígenas para a consolidação e manutenção dos empreendimentos coloniais. Nesse sentido foram destacadas as duas tentativas de colonização francesa, a primeira que contou com a cooperação dos indígenas Tamoios para a instalação e manutenção da empresa na Baía de Guanabara e a segunda no Maranhão que teve o auxílio dos Tupinambás.

Os pouquíssimos avanços na abordagem da temática indígena não permitem ainda romper com a concepção positivista da historiografia brasileira, que privilegiou o relato das experiências históricas dos brancos, e por outro lado ocultou, assim, a participação de outros segmentos sociais na História do Brasil. Na maioria deles, despreza-se a

participação das minorias étnicas, especialmente indígenas e negros/as. A História do Brasil começa no manual mencionado com a chegada do colonizador, visto que a rápida abordagem dos achados arqueológicos nas Américas, sobretudo na América do Sul, não contribui para o entendimento da pluralidade de grupos e de uma História Indígena anterior à colonização europeia. Essa exibição mínima da problematização concernente à diversidade étnica, apresentada apenas em pequenos tópicos de dois capítulos do livro, demonstra a hierarquização de saberes do documento pautado pela proposição de uma matriz curricular eurocêntrica (SILVA JR; SOUSA, 2016).

Desse modo, a cultura material encontrada nas escavações arqueológicas nos lagos da Baixada Maranhense e a propagação da pesquisa que vem sendo realizada pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão sob a coordenação do professor do Departamento de História Alexandre Guida Navarro, podem contribuir para a construção de narrativas, de memórias e de saberes a respeito dos povos pré-históricos do Maranhão. O diálogo interdisciplinar entre a História, Antropologia e Arqueologia tem fomentado uma reescrita da história de longa duração tendo os indígenas como coparticipes dela, na qual a história não tem seu início marcado pela colonização.

Desenvolvimento: O Maranhão entra em cena em grande estilo

As estearias são moradias suspensas pré-coloniais construídas com troncos de árvores, ou seja, habitações sobre palafitas no meio de lagos e rios da Baixada Maranhense, como o Turiaçu, o Pericumã e o Pindaré-Mearim (RAIMUNDO LOPES, 1916, 1924; CORREIA LIMA e LIMA AROSO, 1989; CORRÊA et al. 1991; NAVARRO, 2013, 2015, 2018a, 2018b, 2018c, 2016; NAVARRO et al. 2017; MARINHO et al. 2020). **(Figura 1).**



Figura 1. A Baixada Maranhense é a área de ocorrência das estearias. Na parte circulado, os lagos e rios onde se localizam. ACERVO LARQ.

A Baixada Maranhense está localizada na Amazônia oriental, a 200 quilômetros a sudoeste da atual capital do estado do Maranhão, São Luís. Compreende uma área de aproximadamente 20 mil km² dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) segundo o decreto N° 11.900 de 11 de Junho de 1991 e reeditado em 05 de Outubro de 1991. É importante sublinhar que a área faz parte de um sítio RAMSAR desde 1971 por conta de sua umidade que proporciona condições ideais para a migração de várias aves intercontinentais que se reproduzem neste ecossistema. Nessa região, vivem aproximadamente 500 mil pessoas segundo o censo do IBGE de 2006, em cidades como Pinheiro, Santa Helena, Turilândia, São Bento e Penalva. A população vive da agricultura tradicional, criação de animais e exploração de recursos vegetais nativos, como o coco babaçu.

As estearias são sítios arqueológicos únicos em todo o contexto americano (PROUS, 1992; MARTIN, 1996; NAVARRO, 2018a, 2018b). Provavelmente existiam numa ampla região que ia desde o Maranhão, passando pelos estados do Pará e Amapá, chegando às Guianas, Suriname e Venezuela. Ainda não sabemos o porquê, mas as evidências materiais de esteios somente podem ser identificadas no Maranhão, pelo menos por enquanto. A referência mais recuada que se tem na documentação escrita

acerca destes povos (neste caso na Venezuela) está nas cartas de Américo Vespúcio (2003), que fez observações importantes sobre comunidades que viviam em espaços alagadiços:

[...] Tomada por unanimidade esta decisão, a partir dali sempre costeando a terra, fazendo muitas voltas e escalas, mantendo todo o tempo encontro com muitos e variados habitantes daqueles locais, depois de alguns dias chegamos enfim a um porto no qual aprouve ao Onipotente tirar-nos de grande perigo, pois assim que adentramos o porto, encontramos uma população, isto é, um distrito ou vila, colocada sobre as águas, como Veneza, na qual havia cerca de 20 grandes casas, construídas à guisa de sinos, como já se referiu, e firmemente fundadas sobre estacas de madeira, sólidas e fortes, diante de cujos portais se estendiam pontes levadiças por meio das quais *passava de uma casa à outra como se por uma estabilíssima calçada* (VESPÚCIO, 2003, p. 79).

Os índios Warao, que ainda hoje vivem no delta do Orinoco, na Venezuela, podem ser os descendentes de povos que habitaram as estearias na pré-história.

As pesquisas arqueológicas em curso pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ-UFMA) possibilitaram entender alguns aspectos da vida dos povos que habitaram as estearias maranhenses.

Diferente do processo de formação das palafitas atuais, que são lugares de exclusão social formados por pessoas que sofrem a ausência de políticas públicas para conseguir uma moradia digna, as palafitas pré-históricas foram moradias construídas intencionalmente pelas sociedades e eram locais muito bons para se viver por causa da ventilação e da grande quantidade de peixe nesses ambientes.

As estearias estão localizadas ao longo dos diversos lagos que se caracterizam pela formação de um sistema hídrico composto de rios, campos inundáveis e lagos de variados tamanhos que se definem pela sazonalidade do clima (as inundações ocorrem no primeiro semestre de cada ano). Os lagos da Baixada Maranhense têm origem geológica recente, pleistocênica, e se caracterizam por inundações periódicas na época das chuvas, pois acabam recebendo as águas fluviais, além de que auferem, inclusive, as águas dos rios da região quando de seu transbordamento, como o Pindaré, Pericumã e Turiaçu. Pertencem, também, a um bioma típico da região amazônica que se caracteriza por campos de várzea.

Podemos afirmar, em nível hipotético, que, em princípio, a existência de farta alimentação nesses lagos pôde criar uma situação favorável à habitação sedentária dos grupos humanos que ocuparam a região, uma vez que existe uma rica variedade de peixes. Aliás, como dito anteriormente, até hoje a pesca é um importante recurso alimentar da região.

Neste sentido, apesar da rica proteína obtida nos lagos, outras considerações culturais precisam ser destacadas. A partir do mapeamento que fizemos de alguns sítios arqueológicos localizados no rio Turiaçu, no município de Santa Helena, mostram que estes povos não estavam escolhendo morar nos lagos e rios somente por conta da obtenção de peixe. Todos estes sítios citados estão localizados em curvas de rio e nunca ficam na margem deles, ou seja, estão sendo construídos no leito aquático sem qualquer comunicação com a terra firme. Um deles em especial, o Boca do Rio, está situado bem no meio do canal do rio Turiaçu. Possivelmente isto tem a ver com aspectos defensivos. Viver no meio dos lagos pôde ser mais seguro e mais difícil de ser atacado pelos inimigos. Aliás, esses locais não são somente acampamentos, são verdadeiras moradias, pois as madeiras que foram utilizadas para construir as aldeias são todas de lei, como o pau d'arco (ipê), pau santo e maçaranduba, pois era necessário que a madeira fosse de boa qualidade para durar dentro deste ambiente aquático (**Figura 2**).



Figura 2. A maioria dos esteios fica parcialmente à mostra durante a estação seca e são de madeira de lei, como o ipê ou pau d'arco. Observe o material cerâmico e lítico em meio a eles. ACERVO LARQ.

Esta atividade requereu um grande esforço humano e uma hierarquia social para sua construção. O sítio Boca do Rio, por exemplo, tem 1150 esteios fincados no fundo do rio numa área de 1 hectare, o que corresponde a um campo de futebol. No entanto, a estearia do Encantado, localizada em outro rio, o Pericumã, no município de Pinheiro, tem atualmente 13 hectares ou 13 campos de futebol, sendo que foi praticamente destruída pelos moradores locais que retiraram a madeira para vender ou construir cercas de proteção para o gado e búfalos (**Figura 3**).

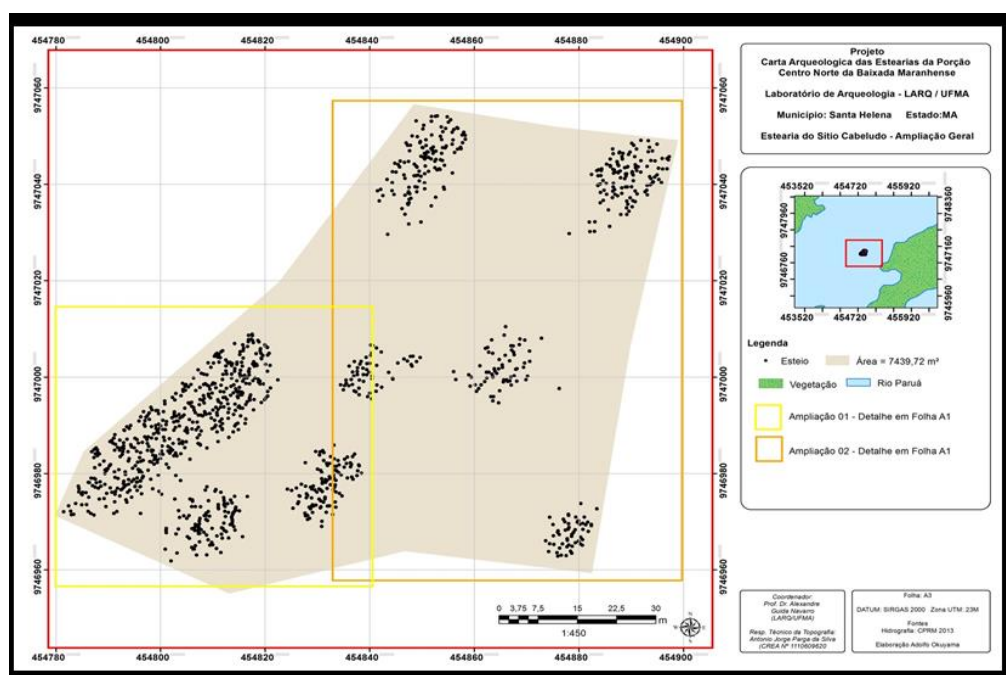


Figura 3. Sítio Cabeludo mapeado. Cada ponto é um esteio. Veja a parte maior, uma praça para rituais. ACERVO LARQ.

Esses indícios levam-nos a pensar que é muito provável que a coordenação dessa atividade tenha sido comandada por um chefe. Além disso, a concentração de esteios está na parte central do sítio, e à medida que se distancia dele, sua concentração vai diminuindo, numa associação arquitetônica que evidencia o centro e a periferia da aldeia. Talvez estas aldeias tivessem um sistema político muito desenvolvido que nós chamamos na Arqueologia de cacicado. Esta forma de governo implica que cada aldeia tenha um chefe principal que está subordinado a um chefe maior de todas as aldeias. Suspeita-se que outros povos na Amazônia, como os Marajoaras, também viveram nesse regime de governo. Mas como as pesquisas estão no começo, ainda não podemos

afirmar com exatidão que os povos das estearias formaram esse complexo modo de organização política.

O mapeamento que fizemos até agora indica que as aldeias das estearias tinham uma forma linear ou oblonga onde existia uma grande maloca, que provavelmente era uma casa comunal dedicada aos encontros coletivos para a realização de festas e cerimônias, e outras malocas menores, residenciais, onde moravam os índios da aldeia. É muito provável que algumas dessas aldeias residenciais estivessem ligadas à grande maloca por uma ponte como indica a nossa pesquisa.

Outro motivo para a escolha da vida nos lagos e rios pode ser simbólico, como nossa pesquisa sugere. Os astecas, por exemplo, também viviam no meio de um lago, e isto não se deve porque tinha peixe nesse lago, mas porque em sua religião, a principal divindade disse aos seus pajés que a cidade deveria ser construída onde eles tivessem a visão de uma águia agarrando com suas patas uma serpente. E isto se deu no lago Texcoco, onde está construída a atual Cidade do México, capital do país. Aliás, esta cena está desenhada na bandeira do México.

A partir de comparações com outras sociedades no mundo, que o fato de as aldeias estarem no centro é uma referência religiosa a sociedades que se consideram como o *axis mundi*, ou seja, o centro do universo. Para corroborar este argumento estão as estatuetas (pequenas estátuas de argila queimada representando seres humanos e animais) que possuem umbigos, outra característica de sociedades hierárquicas que se posicionavam cosmologicamente no centro do mundo. Isso quer dizer que os povos das estearias tinham religião. A religião é um fenômeno indissociável da vida humana, desde os seus primórdios.

Sendo assim, a religião é um fenômeno social que sempre acompanhou a História do homem, pois ela dá conforto em momentos difíceis da vida. No entanto, ainda é difícil afirmar como eram as crenças dos povos das estearias, mas temos algumas evidências. A primeira delas, mencionada há pouco, são estas estatuetas. Estes objetos, feitos em geral de cerâmica, representam seres humanos e animais. Alguns deles têm bolinhas de argila dentro e lembram os famosos maracás utilizados pelos índios quando queriam se comunicar com o mundo pós-morte descritos pelos colonizadores (**Figura 4**). Muitas delas estão pintadas, principalmente de vermelho e

preto, e indicam que eram peças especiais. A representação de animais de coruja, macaco, sapo e cobra revela uma forte relação com a natureza e diz respeito a mitos indígenas que foram descritos pelos cronistas dos séculos XVI e XVII, como o da cobra-canoa, que, entre os indígenas da Amazônia, foi o animal responsável por trazer os seres humanos à Terra através de uma grande viagem em uma canoa que era representada pela cobra anaconda. Outras fontes de estudo da religião indígena são as obras dos missionários cristãos que se interessaram pelo tema da religião para converter os índios, além da comparação etnográfica através dos relatos dos antropólogos (os estudiosos que estudam os indígenas) entre as comunidades indígenas amazônicas a partir do século XIX.



Figura 4. Estatueta-chocalhoe m forma de coruja. ACERVO LARQ.

Algumas destas estatuetas jogam com o sentido da percepção, uma delas em especial, em pé representa um ser humano com cabeça de coruja e corpo humano, deitado vira um sapo, com furos laterais que indicam que eram colares. Uma delas representa um macaco, cujo orifício do umbigo está bastante pronunciado, formando uma depressão na peça. Também se pode inferir que o orifício sirva como inalador de substâncias alucinógenas utilizadas em ritual segundo algumas evidências etnohistóricas e etnográficas. Essas substâncias provocavam a transe nos xamãs que podiam se comunicar, deste modo, com o sobrenatural. Estes rituais xamânicos eram muito

importantes porque traziam coesão social ao grupo, fomentavam a identidade tribal entre seus membros.

Outras estatuetas têm a genitália feminina em evidência, o que pode indicar rituais de fertilidade ou de iniciação da puberdade. Alguns exemplares têm a cabeça decapitada, uma prática comum não somente na Amazônia pré-histórica, mas entre os povos pré-colombianos da América Central como os maias, por exemplo. O objetivo era “matar” o objeto utilizado no ritual a fim de espantar os maus espíritos ou maus agouros. Talvez isso também pudesse estar acontecendo nas estearias.

Uma das mais importantes matérias-primas do homem no passado era a cerâmica. Os arqueólogos estão certos de que a utilização da argila para confeccionar objetos foi uma das maiores criações humanas. Isso porque a cerâmica é fácil de modelar, e tem muita resistência. Ela foi tão importante para os seres humanos que os arqueólogos pensam que ela provocou uma revolução, a chamada revolução Neolítica, há 10 mil anos. Antes achávamos que a cerâmica tinha sido criada no Egito e Mesopotâmia, mas hoje sabemos que, ao mesmo tempo em que ela foi criada naquelas regiões, ela foi criada também, de forma independente, na Amazônia.

E até hoje continuamos usando a cerâmica, como os pratos onde nós nos alimentamos e as xícaras onde tomamos nosso cafezinho ainda são feitos desse material. No entanto, a maioria dos artefatos de cerâmica quebrou pela ação do tempo, ou porque eles foram descartados, sendo assim, é comum falar que os arqueólogos estudam os cacos dos vasilhames. Portanto, as cerâmicas são veículos de expressão de conteúdo ideológico, e a mais óbvia evidência disso é que elas foram pintadas, decoradas, incisas, modeladas, com decoração plástica, com o objetivo de refletir temas míticos ou ideológicos.

Os artefatos cerâmicos das estearias compreendem as seguintes categorias: forma rasa (prato), vasilhames do tipo meia calota, vasilhames esféricos, vasilhames do tipo meia esfera, estatuetas e fusos. Uma característica da coleção arqueológica é a presença de pequenos vasilhames cerâmicos que provavelmente serviam para armazenar quantidades bem controladas de líquido no seu interior ou sementes para o plantio. Algumas delas têm incisão nas bordas, outras são pintadas, geralmente de vermelho e preto, com a presença de um banho de argila de cor branca ou creme, chamado

barbotina. Os pratos são utensílios planos e muitos possuem marcas de esteiras de cestaria, sendo o mais frequente o trançado. As principais técnicas de manufatura observadas nos vasilhames são o acordelamento (superposição de roletes que formam o vasilhame) e a modelagem (confeccionados a partir de moldes feitos com as mãos). Com relação ao antiplástico, que são materiais colocados na massa da argila para ela ficar mais resistente e não quebrar durante sua queima, predomina o cauxi (uma esponja de água doce), aparecendo, também, o caco moído, os minerais (em especial os grãos de quartzo) e, às vezes, o caraipé (cinzas de cascas de árvore). Os apliques, colados ao lado dos vasilhames, são outra característica diagnóstica dos artefatos das estearias. Em geral, possuem uma forma mamiforme (em forma pronunciada de uma mama), e às vezes, zoomorfa (forma de animais). Outros artefatos que aparecem em menor escala são vasilhames com alças e vasos com gargalo. Os fusos, rodela em cerâmica com furos, também são um importante tipo de artefato encontrado nas estearias, e em tamanhos diferentes, e indicam a atividade de produção de linha para pesca ou tecido para rede.

Com relação à iconografia (o estudos das imagens nos vasilhames), esta se dá através de linhas ou traços geométricos que delimitam padrões dentro da composição estilística do vaso: são gregas (um tipo de ornamento formado por linhas que se combinam em ângulos retos), ziguezagues ou espirais que vão circundando o interior das peças e geralmente existe uma linha ou duas linhas que correm paralelas que dividem os campos dos desenhos. A observação dos motivos iconográficos, bem como sua repetição e padrão, além da revisão bibliográfica etnográfica da Amazônia, mostram que os motivos geométricos dos vasilhames, são, em geral, representações da pele de alguns animais. Dois motivos em especial, um tipo de grega e outro duas pinças semicirculares que se unem, são claramente peles de cobra. No primeiro caso representam a espécie *Lachesis muta* ou surucucu, cujas cerâmicas, em geral, são pintadas de vermelho, cor esta que é característica desta serpente; no segundo, a *Eunectes murinus*, sucuri ou anaconda, cujo suporte é pintado de preto, que corresponde às manchas desta cobra. Existem exemplares que representam as manchas dos peixes bodó ou acari (*Pterygoplichthys parnaibae*), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*) e o coridora leopardo (*Corydoras julii*), que ainda existem na região. É muito provável que

esses animais, alguns deles que serviram de alimento para os povos das estearias, fossem o tema preferido na decoração das cerâmicas. Os índios já sabiam que era imprescindível o bom convívio com a natureza (**Figura 5**).



Figura 5. Vasilhames com pintura.

Os materiais em pedra são chamados na Arqueologia de líticos e tiveram muita importância para a vida em sociedade. Geralmente eles tiveram duas funções: uma mais utilitária em que as pedras foram usadas para cortar, como no caso dos machados, ou quebrar e triturar os alimentos (como a casca de côco e castanhas) e uma função ritual, neste caso, pedras que chamaram a atenção pela sua cor puderam ser usadas como joias, por exemplo. As pedras continuam sendo usadas por nós. Algumas pedras foram bens de prestígio e eram muito valorizadas pelos índios. O artefato lítico mais raro que nossa equipe encontrou nos trabalhos arqueológicos das estearias foi um muiraquitã, um “amuleto” feito de nefrita (uma espécie de jade). Apesar de muitas lendas associarem estes objetos às guerreiras da Amazônia (as amazonas), é muito provável que estes artefatos, na verdade, pertencessem aos governantes. Sabe-se que este tipo de material lítico (esculpido em rocha) foi retirado no lago Cajari por um importante geógrafo maranhense, Raimundo Lopes (1916), no início do século XX. A peça que foi encontrada na estearia da Boca do Rio é o primeiro artefato coletado de forma sistemática, depois dos achados de Lopes, há exatamente 100 anos. A análise

mineralógica mostrou que o exemplar foi produzido a partir de uma nefrita confeccionada a partir dos minerais tremolita/actinolita. A peça possui 2,8 cm. de altura por 1,8 cm. de comprimento, tendo dois furos laterais. Com relação ao estilo, é híbrido, pois o abdômen e patas são idênticos aos muiraquitãs amazônicos tradicionais, no entanto, a cabeça ora assemelha-se a traços caribenhos e da América Central, como a coroa bipartite da cultura Nicoya, ora aos das terras altas da América do Sul (os olhos quadrados e a coroa da cabeça), em especial à cultura Tolima da Colômbia. É muito provável que os muiraquitãs fossem um bem de prestígio, fruto do comércio de longa distância entre a Amazônia, o Caribe e os Andes, e a pessoa que o portou gozava de grande reconhecimento por parte de seus membros (**Figura 6**).



Figura 6. O muiraquitã da estearia.

Considerações finais: quem eram os moradores das estearias, de onde vieram e para onde foram?

No atual estágio da pesquisa não sabemos qual a filiação linguística destes povos. As datações de carbono 14 que obtivemos enquadram estes sítios na temporalidade do início da era cristã a 1000 d.C. Há que ressaltar que os povos das palafitas pré-históricas não tiveram contato com os conquistadores europeus, desaparecendo pelo menos 500 anos antes de sua chegada.

Ainda não temos respostas para muitas perguntas. Por que abandonaram as aldeias? Teria sido a guerra com outros povos? Ocorreu alguma mudança climática? Será que a região secou por um grande período de tempo como pudemos verificar com a ação do El Niño no ano de 2015? Será que a quantidade de peixe dos rios e lagos diminuiu de modo que não suportava mais a vida no local? E para onde foram? A longa permanência no local, a qualidade dos vasilhames cerâmicos pintados, a parafernália do ritual formada por delicadas estatuetas e materiais de pedra vindos de lugares muito distantes corroboram para o enquadramento destes povos como uma *civilização lacustre maranhense* séculos antes da invasão dos europeus.

Há que considerar um aspecto político sobre as estearias. A cultura material uniforme e homogênea, a configuração arquitetônica dos sítios que é comum a todos eles, a existência de uma área grande com maior concentração de esteios conectada a outras periféricas dentro do mesmo sítio arqueológico, bem como sua contemporaneidade, a grande região geográfica de dispersão dos grupos, assim como a localização das aldeias no centro dos lagos, a evidência de rituais e a confecção de estatuetas possivelmente representando o umbigo como o centro do universo, faz-nos pensar em sociedades complexas e populosas do tipo cacicado, como mencionado antes, ou seja, sociedades mais hierarquizadas que aquelas que os portugueses encontraram na costa do Brasil à época da Conquista no século XVI. Embora tenhamos muito mais informações sobre esses povos hoje, ainda será necessário velejar muito em suas águas para descobrir os seus mistérios.

Por fim, há que ressaltar que quando os invasores chegaram ao Maranhão no século XVI os povos das estearias já haviam desaparecido, estando o que é hoje a cidade de São Luís, habitada pelos povos Tupinambá, que foram dizimados pelos portugueses em longos processos de guerra e contaminação por doenças, ao ponto de serem extintos da ilha (D'ÉVREUX, 1615; CONCEIÇÃO e NAVARRO, 2020).

A história indígena é crucial para entendermos a nossa própria história, uma vez que eles já estavam aqui há milhares de anos. Há quase 100 anos, Raimundo Lopes, eminente geógrafo maranhense, já nos alertava para esta situação, como sublinhamos na epígrafe deste texto: é preciso zelar carinhosamente pelos indígenas, eles são os povos

originários desta terra, são nossas raízes, precisamos respeitá-los e garantir seus costumes e direitos, uma vez que assim lhes assegura a Constituição Federal.



Figura 7. A comunidade e o LARQ UFMA

Agradecimentos

Os autores agradecem ao convite para a participação deste livro. Estendemos nossos agradecimentos às instituições as quais estamos vinculados: Laboratório de Arqueologia, Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/DEHIS/PPGHIS/UFMA), Curso de Música da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Às instituições onde Alexandre Navarro pesquisou: Museu Paraense Emilio Goeldi, Museu Nacional, American Museum of Natural History (Nova York), Smithsonian Institution (Washington D.C.), Penn Museum (Filadélfia) e Tropical Laboratory (University of Illinois at Chicago). Aos colegas Anna Roosevelt (University of Illinois at Chicago) e Robert Carneiro (American Museum of Natural History). À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), Fulbright Institution e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pela Bolsa de Produtividade nível 2.

Referências bibliográficas

- BRASIL. **Lei Nº 11. 645, de 10 de março de 2008. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena”.** República Federativa do Brasil. Brasília, 2008, CNE.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **História dos Índios do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CONCEIÇÃO, Karen. C. C.; NAVARRO, Alexandre G. De Peitan a Uainuy: os papéis sociais e religiosos das mulheres Tupinambá na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas (1612-1615). **FACES DA HISTÓRIA**, v. 7, p. 25-49, 2020.
- CORRÊA, Conceição G.; MACHADO, Ana Lúcia; LOPES, Daniel F. As estearias do lago Cajari-MA. 1991 **Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro**, Clio Série Arqueológica n. 4, pp. 101-103. Recife: UFPE.
- CORREIA LIMA, Olavo; LIMA AROSO, Olir Correia. **Pré-história maranhense.** São Luís: Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1989.
- D’ EVREAUX, Yves. **Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614.** Brasília: Senado Federal, 2008 [1615].
- GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia).
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **História dos Índios do Brasil**, p. 37-52. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia.** Contexto: São Paulo, 2003.
- FUNARI, Pedro P.; NOELLI, Francisco S. **Pré-História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2002.
- LACROIX, Maria de Lourdes L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos.** 3. ed. São Luís: Editora UEMA, 2008.
- LEÓN-PORTILLA, M. **Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la Conquista.** México: UNAM, 1984.

- LOPES, Raimundo. **O torrão maranhense**. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Commercio, 1916.
- LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. **Boletim do Museu Nacional** 1 (2), pp. 87-109. Rio de Janeiro, 1924.
- MARINHO, Dayse; NAVARRO, Alexandre G.; GOUVEIA NETO, J. C. O imaginário do mundo das águas: lendas, narrativas e histórias ancestrais sobre a vida dos povos das estearias. **Revista Nordestina de História do Brasil**, v. 2, p. 45-61, 2020.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste brasileiro**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NAVARRO, Alexandre G. New evidence for late first-millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. **Antiquity** v. 92, n. 366, p.1586-603, 2018a.
- NAVARRO, Alexandre G. Morando no meio de rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. **Revista de Arqueologia**, vol. 31, n. 1, pp.73-103, 2018b.
- NAVARRO, Alexandre G. **As estearias do Maranhão. A pesquisa acadêmica do Laboratório de Arqueologia da UFMA**. São Luís: EDUFMA, 2018c.
- NAVARRO, A. G.; COSTA, M. L.; SILVA, A. S. N. F.; ANGÉLICA, R. S.; RODRIGUES, S. S. & GOUVEIA NETO, J. C. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 12(3): 869-894, 2017.
- NAVARRO, Alexandre G. O complexo cerâmico das estearias, Maranhão. **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: Museu Emílio Goeldi e IPHAN, vol. 1, p. 158-169, 2016.
- NAVARRO, Alexandre G.; GOUVEIA NETO, João C. **A escrita e o artefato como textos: ensaios sobre História e cultura material**. São Luís: Paco Editorial, 2016.
- NAVARRO, Alexandre G. A pré-história da Baixada Maranhense: datação radiocarbônica de de cinco estearias. In: ZIERER, A.; VIEIRA, A. L. B.; ABRANTES, E. S. (orgs.). **História Antiga e Medieval. Sonhos, mitos, heróis: memória e identidade**. São Luís: Editora UEMA, pp. 369-380, 2015.

NAVARRO, Alexandre G. O povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da baixada maranhense. **Caderno de Pesquisas**, São Luís, v. 20, n. 3, p. 57-64, 2013.

NAVARRO, Alexandre G. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. Assis: **Revista História (São Paulo)**, vol. 27, PP. 347-377, 2008.

NAVARRO, Alexandre G.; FUNARI, Pedro P. A. Un estudio de caso de la Arqueología Histórica: organización espacial y memoria colectiva en Chichén Itzá, pp. 163-186. **Arqueología Colonial Latinoamericana. Modelos de estudio** (Juan G. Targa e Patricia Fournier orgs.). Oxford: BAR, 2009.

NAVARRO, Alexandre G. **Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá**: distribución en los espacios arquitectónicos e imaginaria. Tese de doutorado. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

ROOSEVELT, Anna C. Arqueologia amazônica. CARNEIRO DA CUNHA, M. **História dos Índios do Brasil**, p. 53-86. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROOSEVELT, A. C. **Moundbuilders of the Amazon**: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil. Studies in Archaeology. San Diego: Academic Press. Monograph, 1991.

SILVA JR, Astrogildo Fernandes; SOUSA, José Roberto Montenegro. Ensino de História, relações étnico-raciais e estudos decoloniais. **Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História**. Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba – MG, 2016.

TODOROV, T. **La conquista de América**: el problema del otro. México: Siglo XXI, 1987.

VAINFAS, Ronaldo; CASTRO FARIA, Sheila de; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História**. Volume único. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

Notas

¹ Coordenador do Laboratório de Arqueologia (LARQ), Departamento de História (DEHIS). Fomento: FAPEMA (edital Acervos 2017-2019) e bolsa de pesquisador Visitante da Fullbright (Visiting Professor Award 2017) na University of Illinois at Chicago, com estágio de pesquisa na Smithsonian Institution em Washington, Penn Museum na Filadélfia e American Museum of Natural History em Nova Iorque. Bolsista de produtividade do CNPq nível 2. São Luís, Maranhão, Brasil.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Música pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em Educação – linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Mestre em História Social. São Luís, Maranhão, Brasil.

³ Colaboradora do Laboratório de Arqueologia (LARQ). Mestre em História Social Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS). Colaboradora do Laboratório de Arqueologia (LARQ) São Luís, Maranhão, Brasil.